

A PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM ADOLESCENTES: CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

PREVENTION OF SUICIDE IN ADOLESCENTS: CONTRIBUTIONS OF LOGOTHERAPY IN THE EDUCATIONAL CONTEXT

Rebeca Feitosa Dantas¹
Mateus Nunes Leite Barbosa²
Clauberson Sales do Nascimento Rios³

RESUMO: No presente artigo se propôs realizar uma revisão narrativa tendo como objetivo a discussão a respeito do fenômeno do suicídio na adolescência, trazendo considerações de como a perspectiva teórica da Logoterapia e seu aspecto educativo podem favorecer para a prevenção dessa conduta autodestrutiva nessa fase em específico. A metodologia utilizada na pesquisa trata-se da bibliográfica, quanto à abordagem deu-se à pesquisa qualitativa, com método de pesquisa básica, realizou-se uma pesquisa descritiva e explicativa. Nesse sentido, buscou-se estabelecer um percurso que contemplasse os desafios dessa etapa do desenvolvimento humano para então chegar na educação, baseada nos princípios de uma análise existencial, como meio possibilitar uma experiência de sentido nos sujeitos, que operaria enquanto fator preventivo de tendências suicidas.

618

Palavras-chave: Adolescência. Educação. Sentido da Vida. Suicídio. Logoterapia.

ABSTRACT: This article proposes to carry out a narrative review with the objective of discussing the phenomenon of suicide in adolescence, bringing considerations on how the theoretical perspective of Logotherapy and its educational aspect can favor the prevention of this self-destructive behavior in this specific phase. The methodology used in the research is bibliographical, as the approach was given to qualitative research, with a basic research method, a descriptive and explanatory research was carried out. In this sense, an attempt was made to establish a path that contemplated the challenges of this stage of human development and then arrived in education, based on the principles of an existential analysis, as a means of enabling an experience of meaning in the subjects, which would operate as a preventive factor for suicidal tendencies.

Keywords: Adolescence. Education. Sense of life. Suicide. Logotherapy.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau E-mail: rebecafeitosaz101@gmail.com.

² Graduado em psicologia pela Universidade de Fortaleza.

³ Mestre em Psicologia Docente da Uninassau.

1 INTRODUÇÃO

Compreende-se que o suicídio é um fenômeno que acontece em todo o mundo e que é responsável por levar mais de 800 mil pessoas a óbito por ano. Sendo que para cada pessoa que comete suicídio, há uma quantidade maior de pessoas que o tentam a cada ano, estabelecendo-se que a tentativa prévia é o maior fator de risco associado ao suicídio. Compreendendo-se ainda que este evento é observado como uma tragédia, pelo que deixa efeitos duradouros em todos àqueles que foram deixados para trás, tais como família, comunidades e até mesmo países inteiros (OPAS, 2016). Configurando-se dessa forma, como mais do que uma prática de autoextermínio, mas sim como um comportamento que é atravessado por pensamentos de autodestruição, ameaças, tentativas e no final consumação do ato (ABASSE *et al.*, 2009).

Esse ato de causar a própria morte apresenta uma diversidade de momentos históricos na construção de definições acerca do seu entendimento, e que na contemporaneidade pode ser encarado como um grave problema de saúde pública (LIMA; SILVA, 2020). É caracterizado por ser de alta complexidade, envolvendo assim fatores psicológicos, sociais, biológicos, culturais e ambientais (OMS, 2012).

Todavia, embora se caracterize por ser uma problemática de saúde de alta complexidade, a literatura especializada aponta que este fenômeno pode ser evitado em tempo oportuno e com intervenções de baixos custos, para isso destaca-se a importância de um plano estratégico amplo e que contemple múltiplos setores (OPAS, 2016).

Dentro de todo esse contexto, algo traz um alerta ainda mais específico e está ligado ao fato de que as taxas de suicídio entre jovens têm aumentado, a ponto de estes serem colocados como grupo de maior risco em pelo menos um terço dos países do mundo (OMS, 2012). Ainda temos que o suicídio nessa fase correspondendo a segunda maior causa de mortes em indivíduos de 15 a 29 anos (OPAS, 2016b), e a terceira maior causa entre adolescentes de 15 a 19 anos (OPAS, s.d.).

Na tentativa de estabelecer uma ordem dos fatores desencadeadores do suicídio Neto e Souza (2015) colocam as dificuldades nas relações familiares como as principais envolvidas na maior parte dos casos, mas trazem ainda que embora os acontecimentos decorrentes de relações escolares não ocupem uma posição primária, esses se encontram entre as fontes de risco ligados ao suicídio na adolescência, bem como na sua prevenção. Apontando assim para o contexto educacional como um espaço onde intervenções de

cunho preventivo se fazem necessárias, pois a maioria dos adolescentes da faixa etária que corresponde a sua incidência estão em período escolar.

Frente a isso, temos que muitas abordagens teóricas analisam a questão do suicídio a partir de sua visão de sujeito. Dentre as quais destaca-se a Logoterapia, que tem como fundador, o escritor, neurologista, psiquiatra e doutor em filosofia: Viktor Emil Frankl (1905-1997), ao propor uma psicologia que compreende o sujeito humano enquanto ser que tem como principal força motriz de sua existência a busca por valores e sentido de vida. Apontando para o suicídio como um fenômeno advindo de uma experiência de ausência de sentido, não necessariamente em todas as suas ocorrências, mas que de fato, segundo o autor, poderia ser evitado mediante a presença deste sentido existencial (FRANKL, 1990).

Para tanto, Miguez (2019) ao fazer referência a Logoterapia aponta para sua “vocação educativa”, ao destacar a preocupação de Frankl, ainda no século XX, em estabelecer espaços onde jovens pudessem expressar seus questionamentos existenciais, na tentativa de ajudar-lhes na busca de um sentido de vida, a fim de diminuir os altos índices de suicídio já tão presentes na época.

Posto isto, cabe a reflexão de como a perspectiva teórica e psicológica da Logoterapia poderia trazer contribuições atuais a respeito da questão suicídio e de que maneira essas contribuições tocam o contexto educacional de modo a auxiliarem na prevenção do suicídio de adolescentes escolares.

2 METODOLOGIA

O seguinte estudo fez uso de uma abordagem metodológica fortemente valorizada na pesquisa em ciências sociais, que se pauta na descrição e explicação dos fenômenos de interesse do pesquisador, a qual é referida como abordagem qualitativa. Tal abordagem, nas últimas décadas vem se apresentando como possibilidade de investigação para outras áreas do conhecimento, tais como a psicologia e a educação e que pode ser caracterizada como o tipo de pesquisa que não se preocupa em quantificar os eventos estudados, não se utilizando assim de instrumentos estatísticos de análise de dados. Muito antes, parte de uma perspectiva de estudo amplificada e que vai se definindo de acordo com o desenvolvimento do estudo em questão (GODOY, 1995).

O trabalho teve como método de investigação a pesquisa do tipo bibliográfico. Sendo esse o tipo de pesquisa que é desenvolvido a partir de material já elaborado e que

tem como vantagem principal a gama dos fenômenos que o pesquisador terá acesso. Neste seguimento foram utilizados preferencialmente textos em língua portuguesa, e recorreu-se às bases indexadas *SciELO*, *PePSIC*, dentre outras. Estão incluídos na pesquisa artigos que envolvem relevância e coerência aos descritores consultados e/ou palavras-chave. Autores consagrados como Viktor Frankl e Eloisa Miguez foram utilizados pela indispensabilidade em fundamentar teoricamente conceitos históricos que se apresentam em evolução e são marcos teóricos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Adolescência e suicídio

A adolescência corresponde, de acordo com a OMS (1965), ao período da vida que é registrado entre os 10 e 20 anos de idade. No entanto, outras leituras se mostram necessárias para se compreender do que se trata, de fato, essa fase da existência humana a que nos referimos: adolescência.

Schoen (2010) destacam que a adolescência tem coincidente início com a puberdade e é diretamente influenciada pelas manifestações dessa fase, fazendo referência assim ao aspecto biológico desse período. Este apresenta que tais mudanças fisiológicas tendem ao caráter universal o qual corresponde a fase da transformação da criança em sujeito adulto a partir da modificação de aspectos como altura, forma e sexualidade. Porém, a proposta de uma universalidade da adolescência a partir das transformações corporais vivenciadas pelos jovens nessa fase devem estar implicadas dentro de um contexto histórico-cultural que é responsável pela singularidade do processo de adolecer. Como propõe Martins *et al.* (2003), o desenvolvimento do adolescente não se encerra no que concerne a uma mudança de caráter biológico, está também comporta atravessamentos sócio-históricos que implicam em mudanças de papéis, de ideias e atitudes.

Frente a isso podemos compreender a adolescência como uma etapa do desenvolvimento humano marcada por intensas transformações que tocam aspectos físicos e emocionais, firmando assim uma nova identidade no sujeito em transição. Tal período provoca mudanças na realidade do sujeito, que variam desde escolhas profissionais ao ingresso na vida sexual, trazendo ao indivíduo novos elementos que até então não faziam parte de sua experiência (ALVES, 2008).

Para tanto, Cardoso (2016) ao incluir o aspecto social como parte do processo de alterações que compõem essa fase, reconhece que esta é uma etapa de aquisição de competências que habilitam o sujeito a responder às demandas da vida adulta de modo que se integre socialmente.

Aratangy (2011) ao refletir sobre a adolescência afirma que esta é colocada socialmente, para além de uma fase de desenvolvimento, mas sim como uma ideologia, tratando-a como uma maneira de se colocar que no mundo, onde elementos como roupa, linguagem e costumes passam a servir como modelos para diferentes faixas etárias. Criando a partir dessa lógica o aspecto do desejável ao apontar para a juventude como esse fenômeno que é constantemente colocado em um lugar de idealização. No entanto, embora muitas fantasias estejam cercado esse período da vida humana o impacto psicológico vivenciado pelo jovem em seu processo de adolecer é marcado por características como impulsividade, hipersensibilidade, impaciência, apaixonamento, entre outras; fruto de um processo de intensas mudanças o qual esse adolescente está submetido e que o mantém em constante desequilíbrio. (BARÓN, 2000).

Tais mudanças trazem consigo um misto de conflitos e angústias que advém desse contexto de contradições e busca de identidade. Sendo que situações de sofrimento e desorganização podem gerar no jovem, a depender do período de duração e sua intensidade, o desenvolvimento de patologia, bem como à manifestação de distúrbio psiquiátrico (TEIXEIRA; LUÍS, 1997). Além disso, a busca de comportamentos de risco estão presentes nesse período, provenientes de uma necessidade de se submeter à experiência do novo, sustentada também no mito da indestrutibilidade (SILVA *et al.*, 2019). Todo esse cenário de mudanças e possíveis enfermidades psicológicas podem conduzir o adolescente a posturas não neutras e que tendem a comportamentos autodestrutivos.

O suicídio configura-se enquanto uma das problemáticas que tem encontrado alta prevalência em jovens de todo mundo, de acordo com a OMS, na faixa etária de 15 a 29 anos o suicídio aparece entre as cinco principais causas de morte entre jovens no mundo inteiro, podendo ser mais prevalente em adolescentes acima de 14 anos e pouco frequente em jovens com faixa etária inferior a 12 anos (OMS, 2000, p. 6).

É nesta fase que o jovem começa a desenvolver um pensamento mais elaborado, questionando-se sobre si próprio e sobre o que o rodeia. É, portanto, um período particularmente vulnerável, no qual existe uma potencialidade acentuada de mudança, mas também de desequilíbrio, em que os comportamentos suicidários atingem proporções alarmantes (CARDOSO, 2016, p. 1).

Tal fenômeno não se trata apenas de uma prática de autoextermínio, mas um comportamento atravessado por ideias e tentativas que por fim podem resultar na morte do sujeito em sofrimento. Sendo caracterizado ainda enquanto evento trágico que culmina na reverberação de sofrimento psicológico nos sujeitos que foram deixados para trás, após a consumação de um ato suicida. Por isso, se faz importante avaliar como essa problemática de repercussões mundiais tem sido tão presente numa parcela tão significativa da população e como tal comportamento pode ser prevenido de modo efetivo.

De modo geral, os então denominados "fatores de risco" estão relacionados à tentativa prévia, conflitos familiares, abuso de substâncias psicoativas, suporte familiar ausente, histórico de doenças psiquiátricas e comportamento suicida na família. Contando também com a depressão, existência de doença física, eventos causadores de estresse, orientação sexual, baixa autoestima e fracasso escolar. Constituindo-se como uma gama de agentes que podem relacionar-se entre si levando ao surgimento do suicídio como um sintoma e única saída, diante da manifestação do desequilíbrio na relação do sujeito com o seu meio (SILVA *et al.*, 2019).

Ao considerar o meio, sabe-se que os aspectos característicos da contemporaneidade apontam para uma experiência de ausência de significado de vida, temática já outrora refletida por filósofos e pensadores desde da Antiguidade, detectada com grande ênfase no pós-guerra e que se acentua na modernidade, permanecendo hoje tão presente que pode ser compreendida como uma característica emblemática da pós-modernidade (MIGUEZ, 2019). Diante disso, cabe pensar essa ausência de significado, marcante característica do século XXI, dentro da sequência de fatores de risco associados a questão do suicídio?

3.2 Logoterapia: uma proposta existencial

3.2.1 Antropologia Frankliana

Apontada como sendo a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, seguida da Psicanálise e da Psicologia Individual, a Logoterapia surge no século XX em resposta aos conflitos existenciais marcantes vivenciados nesse período. Seu fundador, o escritor, neurologista, psiquiatra e doutor em filosofia Viktor Emil Frankl (1905-1997), propõe uma psicologia que compreende o sujeito humano enquanto ser que tem como principal força motriz de sua existência a busca por valores e sentido de vida, contrapondo-se a concepção

freudiana e adleriana que dão destaques respectivamente à questão do prazer e do poder em suas teorias.

Em Frankl e em sua análise existencial, há uma tentativa de superação de uma postura reducionista que preconizava por tentar explicar a realidade a partir de um aspecto dela mesmo, oferecendo simples perspectivas particulares de tais aspectos. Frente a isso, o autor questiona a pluralidade das ciências, que numa tentativa de dar conta do sujeito, ao buscar responder aos aspectos corporais e psíquicos, acabava por destruí-lo. Considera então o indivíduo como um ser integral, que apesar da sua multiplicidade pode ser definido como uma unidade. (FRANKL, 1986).

A partir desse entendimento, há o descarte de uma visão da totalidade humana dentro da perspectiva dualista: corpo-mente, passando a conceber a dimensão espiritual como parte integrante desse todo existencial e sua característica mais específica, o qual corresponde à configuração bio-psico-espiritual, não sendo “[...] demais enfatizar, que somente essa totalidade tripla torna o ser humano completo” (FRANKL, 2007, p. 23).

Verificando-se assim, uma ampliação do prisma de sujeito que temos na atualidade: biopsicossocial. Pois ao inserir a dimensão espiritual como constituinte do homem o autor não apenas enfatiza a importância de um olhar integrativo que não ceda aos reducionismos impostos outrora, mas abre possibilidade para uma compreensão mais aprofundada acerca da existência humana através da proposta de uma ontologia dimensional.

3.2.2 Conceitos Fundamentais

A Logoterapia enquanto um sistema teórico fundamenta-se a partir de pressupostos básicos que se conectam reciprocamente através de três conceitos principais: a liberdade da vontade, a vontade sentido, e o sentido da vida. Sendo através dessa tríade que se desenvolve os demais conceitos que constituem tal concepção teórica.

Frankl (1986) pensa o indivíduo como ser dotado de liberdade. De modo que, não reconhece esse sujeito através do prisma de uma liberdade descontextualizada ou alheia de determinações, sejam elas biológicas, psicológicas ou sociais. Antes, contudo, o compreende enquanto ser essencialmente livre dentro de uma perspectiva de liberdade que pressupõe vínculos e um destino. Sendo que esse “destino” diz respeito a tudo que não está sob o controle da vontade humana, mas que de acordo com Frankl também não pode

resignar o sujeito, pois este comporta capacidade de transcendê-lo. Tal paradoxo estabelece o conceito de liberdade da vontade, ao instituir o homem enquanto ser livre apesar dos impositivos que lhe atravessam à existência.

Tendo-se ainda, como noção fundamental da logoterapia o conceito de sentido da vida. Para essa teoria a concepção de sentido é vislumbrada dentro de uma perspectiva situacional e concreta, afastando de uma perspectiva de um sentido mais amplo ou total da vida. Assim, trata-se, portanto, de um fenômeno que leva em consideração o caráter de algo único e irrepetível de um indivíduo, bem como de uma situação específica. Evidencia-se, assim, o caráter específico da missão na vida de cada sujeito, que através da realização de valores pode encontrar sentido para sua vida (FRANKL, 1986).

Pensa-se ainda o sujeito humano a partir da característica mais específica de sua existência, a qual de acordo com Frankl, se constitui enquanto motivação primária da vida: a vontade de sentido. Segundo Santos (2016, p. 133): “Refere-se à busca contínua do ser humano por um sentido em sua vida”, a qual se estabelece como desencadeadora dos efeitos de felicidade e prazer, contrariando outros teóricos que determinavam que para tais elementos o ser humano estava direcionado essencialmente (FRANKL, 2011).

Sabe-se ainda que quando essa vontade de sentido é frustrada o indivíduo se depara com o seu sintoma mais característico: o vazio existencial, temática esta que acompanhou Frankl durante sua trajetória científica e que “continua sendo [...] o problema de fundo da cultura e da educação contemporânea” (MIGUEZ, 2019, p. 25).

3.2.3 Vazio Existencial

Frankl (2011) define como vácuo existencial o sentimento de ausência de significado da vida, que se caracteriza por ser expressão de uma insatisfação interior, bem como de uma falta de propósito, o qual representa sintoma que advém do fracasso do indivíduo em encontrar um sentido para a vida, se desviando assim de sua motivação primária: a vontade de sentido, que quando não satisfeita culmina em frustração existencial.

Em contraposição ao pensamento de Freud, que pontua que essa busca por compreender o sentido e o valor da vida está relacionada à um processo de adoecimento; Frankl, destaca que este questionamento é, antes de mais nada, um indicativo de nossa humanidade e além disso uma característica distintiva do ser humano (FRANKL, 2005).

Logo, o autor não considera que este sintoma esteja necessariamente associado a um estado neurótico, pois percebe que o desespero relacionado a significatividade da vida, se esta vale a pena ou não, trata-se de uma angústia existencial e não de doença mental, assinalando ainda que os conflitos até certa medida são normais e saudáveis. No entanto, sabe-se que vazio existencial pode vir a constituir-se como causa de uma neurose, a qual especificamente se tratará de uma “neurose noogênica”, distinta das psicogênicas e somatogênicas, pois esta primeira mantém sua origem relacionada ao aspecto espiritual da existência humana (FRANKL, 2011).

Em decorrência do seu crescimento e difusão, essa experiência de ausência de sentido (vazio existencial), passou a ser chamada também de neurose de massa, representando a neurose da época presente, para a qual Frankl (2005) estabelece a seguinte sintomatologia que constitui sua tríade: depressão, agressão e a toxicod dependência. A conjuntura referida tem para o autor o mesmo significado de suicídio no sentido lato do termo e se institui como manifestação do vazio existencial contemporâneo (FRANKL, 1995).

Sob o aspecto das vivências emocionais o vazio existencial apresenta-se ainda através do tédio e da apatia. Conforme Frankl (1995), esse tédio se define como uma falta de interesse pelo mundo e a apatia como uma ausência de iniciativa para mudar algo no mundo, os quais resultam em uma postura de pouco engajamento e entrega diante da vida.

A etiologia acerca do vazio existencial é atribuída à dupla perda sofrida pelo homem ao longo do seu desenvolvimento. Inicialmente uma perda instintual, relacionada aos instintos animais básicos responsáveis pela regulação do comportamento e posteriormente, esta mais recente, a perda das tradições, responsáveis por oferecer apoio ao comportamento humano (FRANKL, 2019). Sobre isso Frankl (2005, p. 24) afirma que:

[...] diversamente do que acontece aos outros animais, ao homem não vem imposto por pulsões e instintos o que deve fazer e. diversamente do homem de outros tempos, não lhe vem imposto o que deveria fazer por tradições e valores tradicionais. Ora, não existindo tais imperativos, o homem talvez não saiba mais o que quer fazer. O resultado? Ou faz o que fazem os outros - o que vem a ser conformismo - ou então faz o que outros impõem que ele faça - o que vem a ser totalitarismo.

Diante disso o vazio existencial evidencia-se enquanto fenômeno que vem se constituindo ao longo dos séculos e que no presente representa a sintomática que se associa à falta de diretividade relacionada ao comportamento humano, deixando esse indivíduo sem referenciais que lhe norteiam socialmente e que lhe sirvam de indicadores de conduta,

os quais se relacionam diretamente com a construção de um estilo de vida inautêntico que privilegia uma atuação social massificada.

Estabelecendo-se ainda que essas manifestações do vazio existencial, se configuram não apenas como um desafio no âmbito psicológico, mas também educacional, o qual pode se constituir como um espaço que tem capacidade tanto de reforçar, através de um modo reducionista de transmissão dos conhecimentos, o sentimento de falta de sentido nos estudantes, como ainda pode ser a educação um meio de prover o homem com os meios para encontrar o sentido (FRANKL, 2011).

Percebe-se assim, que o teórico enxerga na educação uma possibilidade de transformação social ao possibilitar aos sujeitos uma experiência de encontro genuíno com os sentidos únicos de sua própria existência e como uma resposta ao vazio existencial

3.3 Contribuições da Logoterapia no contexto educacional

Postman (2002, *apud* MEDEIROS, 2006) abre espaço para uma discussão acerca da função da educação e a que propósitos a escola deve servir. Mais especificamente tratando da escola pública, o teórico postula sua importância no sentido formativo da cidadania do sujeito, favorecendo a participação democrática e a perpetuação dos valores culturais, entre outros propósitos. No entanto, reconhece o cenário de crise educacional, caracterizado pela transformação da educação em simples técnica e uma busca de solução por meio de inúmeras tentativas metodológicas, que embora sejam inovadoras se tornam inúteis mediante um contexto de ausência de sentido encontrado nas práticas pedagógicas, os quais não torna evidente aos sujeitos a finalidade da escola.

Essa ausência de significado presente nas metodologias escolares, que privilegia os aspectos técnicos ao invés de favorecer uma experiência de desenvolvimento global dos sujeitos, se relaciona ao reducionismo científico criticado por Frankl (2011) ao longo de sua construção teórica, caracterizado por estabelecer recortes da realidade que acabam por culminar na perda da totalidade do fenômeno de estudo, sendo que “tal reducionismo científico está presente atualmente nas ciências humanas -entre elas a educação- para as quais a busca de sentido permanece encoberta.” (MIGUEZ, 2019, p.45).

Os reflexos dessa lógica reducionista podem ser observados na fragmentação disciplinar no âmbito educativo da escola, a qual preconiza uma especialização excessiva do conhecimento (MIGUEZ, 2019). A esse respeito Frankl (2011) também se coloca, ao

pontuar que o problema não consiste na especialização em si, mas nas generalizações feitas a partir dessas ramificações, que acabam estabelecendo uma imagem de homem fragmentada e incompleta.

Frente a isso observa-se que esse reducionismo pedagógico contemplado no âmbito educativo atual tem suas bases num reducionismo antropológico abordado por Frankl em sua teoria. Ao vislumbrar o homem como um ser capaz de ir além dos fenômenos somáticos e psíquicos, o teórico atribui à dimensão ontológica (espiritual) um caráter de autonomia, o qual implica numa capacidade de abertura ao mundo: autotranscendência. A não contemplação dessa dimensão ontológica limita conseqüentemente a possibilidade de realização de valores e por conseguinte a realização de um sentido existencial, destacada por Frankl, como necessidade primordial do sujeito, engendrando com isso um reducionismo humano que põe em xeque a própria humanidade do indivíduo. Ao passo que, em decorrência dessa perspectiva antropológica reduzida pressupõe-se uma prática educativa parcial que falha em cumprir seu propósito fundamental.

Sobre isso Aquino (2015, p.21) afirma:

[...] constata-se que cada vez mais o núcleo espiritual do ser humano vem sendo excluído do processo educacional, posto que tudo foi reduzido ao psicofísico. O espaço educacional também deveria proporcionar para (...) refletir acerca das questões existenciais, que teriam sua origem no núcleo espiritual da pessoa humana. Dessa forma constata-se que as temáticas existenciais, tais como finitude e temporalidade, estão sendo excluídas do ambiente escolar.

628

Diante disso, cabe pensar como esse cenário toca os estudantes, para os quais o sistema educativo se estabelece. Em se tratando dos adolescentes, que correspondem parcela considerável de indivíduos dentro da escola, sabe-se que estes estão na fase que representa a “eclosão da busca de sentido na existência” (AQUINO, 2015, p.18), definida por Frankl como vontade de sentido.

Desse modo, quando os modelos pedagógicos não respondem de modo efetivo às latências existenciais de seus usuários ou mesmo não as contemplam, ao se estabelecerem de modo restritivo, acabam por contribuir para uma experiência de frustração dessa vontade de sentido, responsável por favorecer nos jovens à prática de comportamentos de risco, colocando-os assim em situação de vulnerabilidade (AQUINO, 2015).

Diante do exposto, vê-se como pertinente a crítica Frankliana, que assinala que a educação não deve se deter tão somente no repasse de conhecimentos e tradições, criticando ainda o modo reducionista como esse conhecimento é apresentado aos

estudantes: "[...] um processo de doutrinação que mescla os princípios de uma teoria mecanicista do ser humano a uma filosofia de vida relativista" (FRANKL, 2011, p. 108). Constituindo-se assim, como uma possibilidade limitada de mediação do processo educativo, o qual se mantém cega à integralidade de seus sujeitos e que resulta no reforço do sentimento de vazio existencial nos estudantes, sendo que tal processo, deveria, contudo, munir o indivíduo com os meios para encontrar sentido (FRANKL, 2011).

Para tanto, Frankl (2011) estabelece como tarefa primordial da educação, nessa tentativa de possibilitar aos sujeitos um encontro de sentido: o processo de afinamento da consciência, o qual se refere ao aperfeiçoamento da capacidade humana de apreender os sentidos únicos em cada contexto específico. O autor compreende a consciência como o “órgão do sentido” que em sua relação com o mundo serve como um guia aos sujeitos no processo de descoberta dos valores únicos a serem realizados em determinada circunstância, estabelecendo assim o seu caráter ético e moral.

Nesse sentido, a educação atuaria no desenvolvimento dessa capacidade humana ampliando o campo perceptivo do sujeito para que este possa perceber os sentidos, bem como habilitando-o a responder eticamente, de modo criativo e pessoal aos desafios que lhes atravessam a existência (MIGUEZ, 2014). Sendo papel do educador facilitar o processo de tensão entre o que o sujeito é e o que deve ser, através de um confronto existencial, caracterizado por Frankl, como fundamental para o encontro dos valores que permitem uma experiência de sentido, sem o qual há uma aproximação de uma vivência pouco tolerante à frustração exatamente em decorrência de uma minimização dessa tensão (FRANKL, 2011).

Ademais, outro elemento que está na base da dinâmica educativa é a responsabilidade. Frankl (1986) ao pensar o indivíduo como um ser único e irrepetível, o afirma como responsável pela configuração de seu próprio destino, caracterizando-o como um ser que decide, para o qual mediante as possibilidades que lhe são ofertadas é capaz de compreender o que é essencial ou não, o que faz sentido e o que não faz, correspondendo à essas possibilidades. O que se constitui como fundamental mediante uma sociedade marcada pela presença de diversos estímulos e apelos, para os quais cabem sim ser selecionados de modo responsável. Uma educação para a responsabilidade atuaria, portanto, para tornar os indivíduos conscientes da sua própria responsabilidade, de modo

que esse indivíduo a use em cada momento da vida, certo de que cada decisão, desde as mais simples até as mais elaboradas, é definitiva. Dessa forma:

Educar para a responsabilidade, então, se identifica com apelar à “vontade sentido”. É papel da educação convocar as forças morais do educando, situá-lo existencialmente para colaborar em seu próprio processo de transformação, ou de autoconfiguração (MIGUEZ, 2014, p. 136).

Com isso a prática educativa se entrelaça com um fazer que habilita o sujeito para a construção de seu sentido de vida, ao torná-lo capaz de estabelecer parâmetros entre “um valor” que agrega sentido à sua existência e um “valor” que carrega menos sentido e por tanto não deve ser considerado digno de ser realizado. Porquanto “a responsabilidade humana corresponde sempre a dizer sim ao que tem mais sentido (constituindo-se como um ser santo ou bom) ou dizer sim ao que tem menos sentido (constituindo-se como culpado ou neurótico)” (AQUINO, 2015, p. 16). Sendo “[...] papel da educação conduzi-lo a responder, por ele mesmo, concreta e criativamente aos apelos que a vida lhe faz” (MIGUEZ, 2014, p. 110).

Ao se tornarem capazes de captar as possibilidades de realização de sentido existencial, ou seja, os seus valores por meio da consciência, torna-se possível um agir de forma responsável dirigindo-se a escolhas que expressem uma autêntica humanidade. Possibilitando, assim, uma vivência mais carregada de sentido existencial, passando a responder por meio da dimensão ontológica, para a qual a vontade de sentido emerge enquanto necessidade primária do ser. Nesse viés, uma educação que favoreça esse movimento constitui-se enquanto prática preventiva do vazio existencial ao considerar os sujeitos como seres que buscam realizar sentidos e assim responde ao cenário de crise espiritual no qual o homem moderno se vê inserido (AQUINO, 2015).

Ao tomar o suicídio como uma das problemáticas que se relacionam a uma ausência de significado na vida e que compõe o atual cenário social, a proposta do que Aquino (2015) denominou de uma **logoeducação** atuaria exatamente no combate à prevenção do vazio existencial e da frustração da vontade de sentido, refletindo que a realização de um sentido se põe como condição necessária para uma sociedade sã. De modo que, a busca de sentido na vida é considerada como um dos fatores de prevenção ao suicídio, que constitui sofrimento marcado por um discurso de desespero (CVV, 2021).

Para Frankl (2019) há possibilidade de sentido mesmo diante de situações sem esperança, onde por meio das impossibilidades e circunstâncias externas somos convidados para uma auto mudança, que nos eleva enquanto sujeitos e nos habilita a transformar

sofrimento em triunfo. Nesse viés, uma mudança de atitude mediante um sofrimento, de modo que o sujeito consiga ver sentido até na dor, responde a principal preocupação da pessoa humana que é ver um sentido em sua vida, indo contra a lógica suicidária que tem na anulação da dor através de uma anulação da vida, a única resposta para a problemática do sofrimento. Na verdade, "sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido" (FRANKL, 2019, p.137).

E é exatamente esta a proposta de uma ética da responsabilidade para a qual deve se dirigir a educação, onde dar sentido é tomar postura tanto diante da incondicionalidade de sentido da vida quanto diante de seu total absurdo, cabendo ao indivíduo decidir ontológica e responsavelmente a respeito dessa questão. Posto isso, a educação deve assumir o papel de fortalecer a resistência do indivíduo, onde através de um processo de dar-se conta e responsabilizar-se, o sujeito é colocado em um lugar de protagonismo em relação à sua própria existência (MIGUEZ, 2014).

Para isso, o papel do educador se configura enquanto mediador do sentido e da consciência, sendo que para Frankl (2020) a prática pedagógica não se estabelece enquanto transmissão de sentido, ao passo que os sentidos não são dados, mas sim vivenciados, cabendo ao educador facilitar essa mediação através de um compromisso pessoal com uma causa digna de sua entrega e execução, podendo assim tocar os estudantes, conduzindo-os a uma busca de sentido, influenciados pelo exemplo. Ferramenta para isso seria o diálogo que é “[...] uma forma privilegiada de ativar forças psiconoéticas da pessoa, sua liberdade e responsabilidade para descobrir valores, para perguntar-se sobre o sentido da experiência, para fazer vir à luz algo original” (MIGUEZ, 2019, p. 177).

A Logoterapia como uma proposta terapêutica que antes de tudo reconhece as limitações da ciência humana, convoca assim a sabedoria que pode atuar como elemento de uma intervenção terapêutica (XAUSA, 2013). Encontrando desse modo, no simbolismo de mitos, contos e parábolas um caminho de acesso à percepção do sentido, podendo ser utilizado em contexto educacional para abordar temáticas existenciais constituindo um educar para o sentido (AQUINO, 2015).

Para tanto e finalmente, essa pedagogia é viabilizada quando o logoeeducador considera a totalidade do estudante, enquanto ser biopsicoespiritual; facilita o processo de abertura desse sujeito ao mundo, levando-o à uma atitude de abertura à sua comunidade; proporciona uma mudança de perspectivas ao estabelecer questionamentos acerca do

caráter dinâmico da existência, que tanto exigirá desse sujeito uma pergunta, como uma resposta em relação a sua própria vida (AQUINO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o presente trabalho atingiu os objetivos propostos. A revisão de literatura permitiu responder aos objetivos específicos, os quais se propuseram à inicialmente discutir acerca do fenômeno do suicídio na adolescência, refletir sobre os principais conceitos apresentados por Viktor Frankl em sua teoria, para então debater a respeito das principais contribuições teóricas da Logoterapia em contexto educativo que possam se relacionar à prevenção do suicídio de adolescentes.

O desenvolvimento desse estudo possibilitou uma análise acerca do fenômeno do suicídio na adolescência, destacando-o como prática que tem crescido ao longo dos últimos anos, tendo proporções preocupantes nessa fase específica do desenvolvimento. Para tanto, a Logoterapia e seu aspecto educativo foram tomados como referencial teórico para fundamentar uma proposta de intervenção de cunho preventivo para tal demanda social. Levando em conta o atual cenário pós-moderno e suas particularidades, buscou-se abordar a dimensão espiritual, a ausência de significado no contexto escolar e a importância de um sentido existencial para o sujeito em formação.

Frente a isso, o percurso conceitual traçado reconhece a questão do suicídio para além da perspectiva biopsicossocial, podendo se configurar ainda como uma problemática com atravessamentos existenciais que não devem ser desconsiderados ao se estudar esse fenômeno. Frankl ao estabelecer fundamentos antropológicos que privilegiem uma concepção integral de sujeito, sendo este propenso a uma busca de sentido, lançou bases que podem potencializar o processo educativo ao ampliar perspectivas pedagógicas, propondo um processo de conscientização e responsabilização pelos sujeitos, que favoreça a apreensão dos sentidos existenciais e o alcance do sujeito em sua totalidade, respondendo assim à necessidade de se prevenir o vazio existencial em contexto escolar, ocasionado pelo próprio modo como os sistemas educativos e sociais são organizados.

Em vista disso, uma logo educação, ou seja, uma educação com foco no sentido, se estabelece como primordial para o combate de tendências suicidas, e que de acordo com Aquino (2015) deve agir de forma integrada com as instituições as quais os jovens transitam, sendo a escola um desses espaços. De modo que a escola contribua para que o

jovem seja ajudado na descoberta e execução do seu projeto existencial, bem como seja educado para os valores mais elevados da existência humana, prevenindo assim o vazio existencial e possibilitando uma vivência de sentido nesses sujeitos. Além disso, encontrando na figura do educador um mediador de uma experiência de sentido, ao se utilizar de recursos educativos simbólicos e que abordam a existência humana em sua totalidade.

Dessa forma, tomando os devidos aprofundamentos teóricos, é possível estabelecer um modelo escolar que ofereça amparo existencial, ao perceber os sujeitos para além de suas necessidades intelectuais e lógicas, permitindo uma maturação da personalidade e a construção de uma experiência de vida mais significativa e conseqüentemente mais saudável.

REFERÊNCIAS

ABASSE, M. L. F. *et al.* Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 407-416. 2009.

ALVES, G. M. **A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma.** 2008. 50 p. Monografia (Graduação em Psicologia) -UnReflexão sobre o processo de saúde-doença-cuidado: Compreender o processo saúde/doença como um objeto complexo.iversidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma. 2008.

AQUINO, T. **Sentido da vida e valores no contexto da educação: uma proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl.** 1ºed. São Paulo: Paulinas, 2015.

ARATANGY, L. R. **Adolescentes na era digital.** 1. ed. São Paulo: Benvirá, 2011.

BARÓN, O. P. Adolescência e suicídio. **Psicologia do Caribe**, n. 6, pág. 48-69, 2000.

CARDOSO, G. T. **Comportamentos autolesivos e ideação suicida nos jovens.** 2016. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Portugal. 2016.

COMO VAI VOCÊ? LEILA. **Sentido da vida é fator de prevenção contra suicídio.** CVV (Como vai você?). Brasília, s/d. 2021. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/blog/sentido-na-vida-e-fator-de-protecao-contrasuicidio/>. Acesso em: 22 nov., 2021.

FRANKL, V. E. **“A” presença ignorada de Deus.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia.** 1. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. **Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1990.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 48. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas**. Tradução de J. Santos. Campinas, SP: Psy II, 1995.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 1986.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e existencialismo: Textos selecionados em Logoterapia**. Tradução de Ivo Studart Pereira. Editora: É Realizações São Paulo, 2020.

FRANKL, V. E. **Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo**. 19 ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun., 1995.

LIMA, B. B.; SILVA, F. S. **O papel da escola na prevenção do suicídio juvenil: desafios contemporâneos**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias e Biologia) – Campus de Mazagão, Universidade Federal do Amapá, Mazagão, 2020.

MIGUEZ, E. **Educação em busca de sentido: Pedagogia inspirada em Viktor Frankl**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

634

MIGUEZ, E. M. **Educação em Viktor Frankl: entre o vazio existencial e o sentido da vida**. 22. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

NETTO, N. B.; SOUZA, T. M. S. Adolescência, educação e suicídio: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP: v. 26, n. 1, p. 163-195, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. **Prevenção ao suicídio: Manual para Professores e Educadores**. 2000. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_educ_port.pdf. Acesso em: 8 mai. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. **Prevenção de suicídio**. 2012. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/es/. Acesso em: 08 mai. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. **Problemas de la salud de la adolescencia**. 1965. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/38485>. Acesso em: 15 jun., 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OPAS. **Grave problema de saúde pública, suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo.** 2016. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5221:grave-problema-de-saude-publica-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo&Itemid=839. Acesso em: 8 mai. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OPAS. **Saúde mental dos adolescentes.** s/d. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 26 de out. de 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OPAS. **Suicídio.** 2016b. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>>. Acesso em: 26 de out. de 2021.

SANTOS, D. M. B. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 68, n. 2, p. 128-142, 2016.

SCHOEN-Ferreira; TEREZA, H.; AZNAR, F.; MARIA, S.; MATTOS, E. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]**. 2010, v. 26, n. 2, p. 227-234.

SILVA, R. *et al.* Fatores de risco associados ao suicídio na adolescência: uma revisão integrativa no período de 2004 a 2019. **Revista de Patologia do Tocantins**, Tocantins, v.6, n.2, p. 50-56, 2019.

TEIXEIRA, A. M. F.; LUIS, M. A. V. Suicídio, lesões e envenenamento em adolescentes: um estudo epidemiológico. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, p. 31-36, maio, 1997.

XAUSA, I. **A psicologia do sentido da vida.** 2ºed. São Paulo:CEDET, 2013.